

## **Boas práticas em educação museal: roteiros de memória do Ecomuseu da Amazônia na Ilha de Caratateua, Belém, Pará, Brasil**

*Good practices in museum education: a memory tours of the Amazon Ecomuseum on the Island of Caratateua, Belém, Pará, Brazil*

Adrielson Furtado Almeida\*  
Maria Terezinha Resende Martins\*\*

Palavras chave:  
Educação  
Patrimônio  
Visitação

Resumo: A Ilha de Caratateua pertence ao município de Belém, Estado do Pará, região Norte do Brasil. Após a interligação rodoviária pela ponte Enéas Pinheiro (1986) houve um aumento demográfico da ilha, que provocaram várias mudanças ambientais e a miscigenação cultural, deixando em segundo plano a sua própria história. Este trabalho objetiva apresentar três roteiros de memória do Ecomuseu da Amazônia na Ilha de Caratateua, Belém, Pará, Brasil. Bem como apresentar uma síntese da formação histórica do território da Ilha de Caratateua e do seu acervo patrimonial, com as práticas culturais, ações de cidadania e preservação do meio ambiente. Os três roteiros abrangem 10 pontos de visitação, que incluem mestres e mestras de cultura popular, produtores culturais, locais de manifestação de fé, sítio, quintal produtivo, balneário, praias e a sede do Ecomuseu da Amazônia. Conclui-se que os roteiros de memória da Ilha de Caratateua atendem aos objetivos da Política Nacional de Educação Museal (PNEM) e da carta de princípios da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC) ao realizarem práticas educacionais em uma instituição museológica, através de ações e processos em educação museal, que podem servir de inspiração à outras organizações e processos museais.

Keywords:  
Education  
Heritage  
Visitation

Abstract: The island of Caratateua belongs to the municipality of Belém, State of Pará, Northern Brazil. After the road interconnection through the Enéas Pinheiro bridge (1986) there was a demographic increase on the island, which caused several environmental changes and cultural miscegenation, leaving its own history in the background. This work aims to present three itineraries of memory of the Ecomuseum da Amazônia on the Island of Caratateua, Belém, Pará, Brazil. As well as presenting a synthesis of the historical formation of the territory of the Island of Caratateua and its heritage, with cultural practices, citizenship actions and preservation of the environment. The three itineraries cover 10 visitation points, which include masters and masters of popular culture, cultural producers, places of expression of faith, farm, productive yard, spa, beaches and the headquarters of the Ecomuseum da Amazônia. It is concluded that the memory routes of the Island of Caratateua meets the objectives of the National Policy for Museal Education (PNEM) and the letter of principles of the Brazilian Association of Ecomuseums and Community Museums (ABREMC) when carrying out educational practices in a museum institution, through actions and processes in museum education, which they can serve as inspiration for other organizations and museal processes.

Recebido em 30 de novembro de 2020. Aprovado em 23 de março de 2021.

\* Graduado em Turismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Gestão Ambiental (Núcleo de Meio Ambiente - NUMA/UFPA). Mestre e Doutor em Ciências Ambientais pelo Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Federal do Pará (IG/PPGCA/UFPA). Com estágio de doutorado sanduíche no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento de Território (CEGOT) da Universidade de Coimbra (UC/ Portugal). Parceiro e voluntário do Ecomuseu da Amazônia (2010-2012/ 2019-2020). E-mail: [adrielsonfurtado@gmail.com](mailto:adrielsonfurtado@gmail.com)

\*\* Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada em Pedagogia (UFPA). Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Estácio de Sá. Especialista em Gestão Escolar pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Mestre em Planejamento e Gestão Ambiental pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Doutora em Gestão Integrada de Recursos Naturais (UCB). Uma das fundadoras e coordenadora do Ecomuseu da Amazônia (2007-2020). Presidenta da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC). E-mail: [mtrmartins@yahoo.com.br](mailto:mtrmartins@yahoo.com.br)

## Introdução

O patrimônio cultural brasileiro, previsto na Constituição Federal de 1988, abrange os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, dos quais incluem as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas, as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 2016).

Quase vinte anos após a promulgação desta regulamentação jurídica, ocorreu a fundação do Ecomuseu da Amazônia em Belém do Pará (2007), sob a gestão da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) da Prefeitura Municipal de Belém (PMB), com sede no Liceu Escola Mestre Raimundo Cardoso (Icoaraci). Em 2008 foi transferido para Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira (FUNBOSQUE) na Ilha de Caratateua, para compor como um programa da Coordenadoria de Desenvolvimento Comunitário (CDC), em virtude das ações comunitárias desenvolvidas e, por estar em consonância com o projeto político pedagógico (PPP) desenvolvido pela FUNBOSQUE.

O Ecomuseu da Amazônia passou a desenvolver ações que visam o desenvolvimento local e a melhoria da qualidade de vida, com base na sustentabilidade socioambiental para a preservação e recuperação do patrimônio natural e cultural na Amazônia. Tendo a missão de pensar de forma coletiva e interinstitucional os problemas da região e suas comunidades, sem desvincular das dimensões: ecológicas, sociais, educacionais, culturais, políticas e econômicas (MARTINS; ADERNE, 2007).

O Ecomuseu da Amazônia tem quatro pilares de sustentação: o território, a comunidade, o patrimônio e o desenvolvimento local. Sobre o seu território museal ou de atuação reúne o recurso humano (com seus saberes, fazeres e memórias), o recurso patrimonial natural e cultural (material e imaterial), contribuindo com práticas que auxiliem no desenvolvimento local, baseando-se em três

princípios fundamentais: sustentabilidade, subsidiariedade e responsabilidade. Utiliza metodologias de atuação visando à informação teórica (oficinas, cursos, minicursos, workshops, palestras etc.), realiza trabalhos práticos (execução dos projetos nas comunidades) e promove a interação comunitária (participação em eventos técnico-científicos e culturais).

O território museal do Ecomuseu da Amazônia abrange o Distrito de Icoaraci, a Ilha de Caratateua, Ilha de Cotijuba e Ilha do Mosqueiro<sup>1</sup> (MARTINS, 2014). Ao inventariar o patrimônio nesse território, identificou-se que os comunitários apresentavam dificuldades para manter as práticas tradicionais transmitidas de geração a geração, diante das facilidades e inovações tecnológicas do meio ambiente urbano moderno. As novas gerações demonstravam pouco interesse no aprendizado de técnicas para a produção de farinha de mandioca, cultivo de hortas e plantas frutíferas, produção de cerâmica, confecção de utensílios em palha, confecção de utensílios de pesca, confecção de instrumentos musicais, produção musical, danças regionais etc.

Em 2009, buscando preservar a memória patrimonial e contribuir com práticas para o desenvolvimento local, o Ecomuseu da Amazônia iniciou a construção do programa “Patrimônio e capacitação dos atores do desenvolvimento local”, que em 2012 foi apresentado oficialmente durante a programação do IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários realizado pela Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC) na FUNBOSQUE. O programa é dividido em quatro eixos estruturantes: cultura, meio ambiente, cidadania e turismo. Reúne um conjunto de projetos, ações, metodologias, a serem implementadas nas comunidades, para que seus membros possam adquirir conhecimento teórico e prático que permitam escolher a melhor estratégia para o seu desenvolvimento social (MARTINS, 2014; HUFFNER, MARTINS, BASTOS, 2018).

Dentre as ações desenvolvidas no programa, este trabalho objetiva apresentar três roteiros de memória do Ecomuseu da Amazônia na Ilha de Caratateua, Belém, Pará, Brasil. Bem como apresentar uma síntese da formação histórica do

território da Ilha de Caratateua e do seu acervo patrimonial, com as práticas culturais, ações de cidadania e preservação do meio ambiente.

Os roteiros foram apresentados no fórum “Distantes mas unidos: encontro de ecomuseus Brasil e Itália”, realizado pela Plataforma Mundial de Ecomuseus - Itália (DROPS) e Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC) em 20 de junho de 2020. Os roteiros de visitação patrimonial configuram-se como uma das boas práticas em educação museal promovida pelo Ecomuseu da Amazônia, dentro das ações de valorização e difusão da consciência preservacionista na comunidade local. O Ecomuseu da Amazônia se coloca como um instrumento de gestão capaz de interagir, fomentar, articular, difundir o saber e o fazer da comunidade, para que esta consiga se organizar e ter autonomia para decidir a melhor opção, que seja capaz de contribuir para o seu desenvolvimento socioeconômico, respeitando os recursos naturais e culturais existentes.

## Ilha de Caratateua: um território museal

A Ilha de Caratateua é um distrito pertencente ao município de Belém, capital do Estado do Pará. Localiza-se ao Norte do território municipal, entre o Distrito de Icoaraci (ao sul), a Ilha de João Pilatos e Viçosa (a leste), a Ilha de Mosqueiro (norte) e a baía de Santo Antônio (a oeste) (Figura 1).

A ilha é popularmente conhecida como Outeiro, em virtude do bairro central São João do Outeiro com as suas praias e, por conta da extinta Hospedaria de Imigrantes do Outeiro (1896). Porém seu nome oficial é Caratateua, que em tupi significa “lugar de cará”, associado à grande produção desse tubérculo (*Dioscorea* sp.) na ilha no final do século XIX e início do século XX.

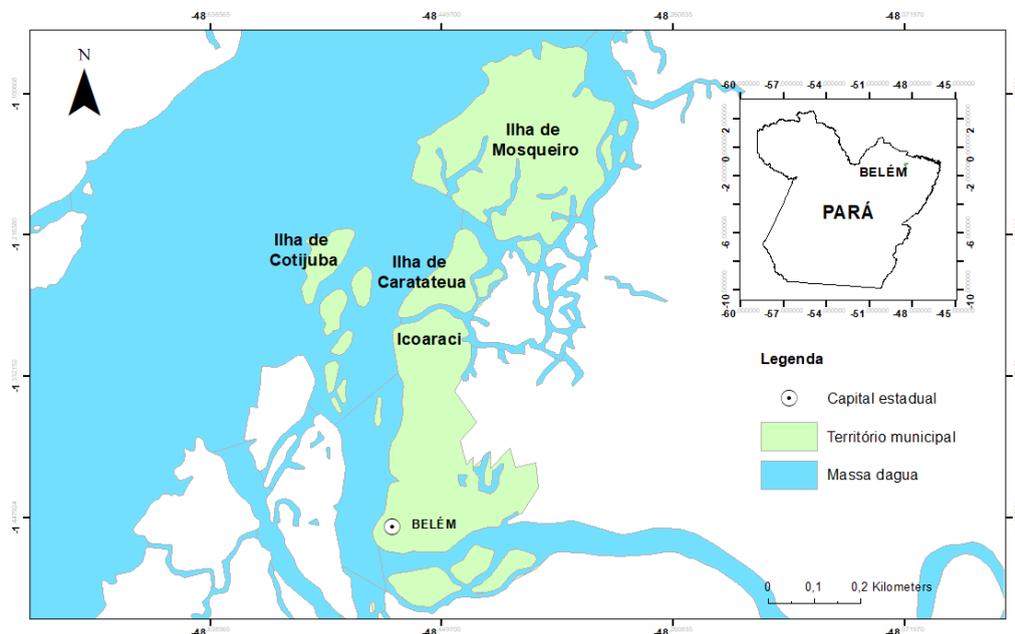


Figura 1 - Mapa do território municipal de Belém, Pará, Brasil.

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Seu patrimônio natural é formado por praias fluviais localizadas a noroeste, vegetação de terra firme, várzea e igapó, pelo qual drenam pequenos cursos d'água denominados de furos e igarapés, com ou sem influência do regime de maré. Esse patrimônio natural foi inicialmente ocupado por grupos indígenas e posteriormente por famílias de ribeirinhos nas suas margens fluviais.

Somente no final do século XIX passou a receber políticas públicas a partir do Decreto estadual nº 131/1895, que regulamentou o serviço e o funcionamento da hospedaria para imigrantes no Pará, quando a ilha foi escolhida para a implantação da Hospedaria de Imigrantes do Outeiro, inaugurada em 1896 (CARVALHO, 2011). Sua instalação impulsionou a ocupação espacial, por iniciativa particular, através da instalação de pequenos comércios para fornecimento de mercadorias e produtos para a manutenção da hospedaria, bem como pela iniciativa governamental, através da instalação do Núcleo Modelo Colonial do Outeiro (1898), como parte da política de desenvolvimento, para abrigar imigrantes italianos (CARVALHO, 2014).

Em 1899, após a concessão dos lotes agrícolas, o governo de Paes de Carvalho criou os lotes urbanos da vila balneária, às margens da baía de Santo Antônio, objetivando a sua distribuição e titulação para incentivar a atividade produtiva (BARBOSA *et al.*, 2012). Em 1902, após o encerramento da Hospedaria de Imigrantes do Outeiro, o Núcleo Modelo Colonial do Outeiro foi declarado extinto e emancipado pelo governador Augusto Montenegro, permitindo que seus 68 colonos continuassem nos 14 lotes agrícolas já existentes (BARBOSA *et al.*, 2012; BITTENCOURT, 2013; CARVALHO, 2014).

No início do século XX, o Estado deixa de investir no fomento aos núcleos agrícolas e na urbanização balnear, dando atenção a outras áreas do centro de Belém. Por quase 50 anos, as poucas famílias sobreviveram dedicando-se à agricultura de subsistência (roçados de mandioca itinerantes), extrativismo vegetal (produção de carvão vegetal e açaí) e extrativismo animal (peixes e crustáceos) (BARBOSA *et al.*, 2012). Somente a extinta Hospedaria do Outeiro continuou a receber investimentos dos governantes na área de educação.

Em 1972, no local passou a funcionar o Centro de Formação da Polícia do Estado do Pará (CFAP). Em 2008, passou a funcionar o Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças da Polícia Militar (CEFAP). O prédio foi tombado pelo patrimônio histórico do Estado Pará (BITTENCOURT, 2013; PINHEIRO, 2017).

Em 1951, a prefeitura instalou um gerador de energia elétrica em seu almoxarifado na ilha (local onde fica o Centro de Saúde do Outeiro). Tais melhorias contribuíram para que, na década de 1960, houvesse quatro núcleos de povoamento: Outeiro (correspondendo aos lotes urbanos de 1899, centro da ilha), Itaiteua, Redentor (próximos ao furo do Maguari) e Fama (BARBOSA *et al.*, 2012). Na década de 1970, já residiam na ilha mais de três mil pessoas, havendo a necessidade de investimentos públicos em infraestrutura e serviços. A Central Elétrica do Pará (CELPA) instalou a primeira rede elétrica na ilha. O prefeito de Belém, Alacid Nunes, autorizou a construção do “trapiche da balsa” na área da Brasília, para permitir a interligação com Icoaraci. A ilha passou a contar com a primeira linha de ônibus da empresa Icoaraciense, com itinerário inicial no porto do trapiche e com final de linha no bairro do Itaiteua (BITTENCOURT, 2013).

Em 1983, o Decreto municipal nº 5706 criou o Distrito de Outeiro constituído da Ilha de Caratateua e Ilha de Santa Cruz. Em 1986, na gestão do governador Jader Barbalho, foi inaugurada a ponte Enéas Martins Pinheiro (360m de comprimento por 17m de largura), que ficou popularmente conhecida como “ponte do Outeiro”. A interligação terrestre com a capital paraense marca uma nova fase de uso e ocupação da Ilha do Caratateua (BARBOSA *et al.*, 2012; BITTENCOURT, 2013; SILVA, 2007).

A interligação rodoviária provocou uma intensa especulação imobiliária diante da grande procura por moradia fixa e de veraneio (Centro), contribuindo para a perda da cobertura vegetal da ilha (SILVA, 2007). A maior procura por moradia fixa na ilha foi realizada por famílias de baixa renda. Essas ocupações espontâneas ocorriam em áreas sem a regulação do poder público e sem a instalação de serviços infraestruturais para a moradia, a exemplo do Fama, Itaiteua, Copacabana Norte, Sol Nascente, Brasília, Manaus e Fidelis (BARBOSA *et al.*, 2012).

Em 1988, a prefeitura de Belém sancionou a Lei 7.419 que delimitou a área urbana e suburbana do Distrito de Outeiro (BELÉM, 1988). Em 1994, a Lei municipal nº 7.682, dispôs sobre a regionalização administrativa do Município de Belém, delimitando o Distrito Administrativo de Outeiro (DAOUT) (BELÉM, 1994). Em 1996, a Lei municipal nº 7.806 dispôs sobre a delimitação dos bairros de Belém. Na ilha foram considerados como bairros urbanos: Brasília; São João do Outeiro; Água Boa e Itaiteua. Os setores Fama, Fidélis e Tucumadeira foram considerados zonas rurais (BELÉM, 1996). Atualmente, os insulares da Ilha de Caratateua continuam a se expandir sobre o seu território, enfrentando diversas dificuldades referentes ao uso e ocupação.

### **Acervo patrimonial do Ecomuseu da Amazônia na Ilha de Caratateua**

O acervo patrimonial do Ecomuseu da Amazônia não se limita aos bens existentes em sua sede institucional, estando no território insular (Ilha de Caratateua, Ilha de Cotijuba e Ilha do Mosqueiro) e continental (Icoaraci), enquadrando-se como um ecomuseu do meio ambiente (museu ao ar livre ou rural) e ecomuseu do desenvolvimento comunitário (ambiente urbano), sem limitar-se às fronteiras da memória coletiva e do território de atuação.

Sobre este território, identificaram-se na comunidade local os elementos representativos dos aspectos ambientais e socioculturais associados à memória coletiva e aos “saberes e fazeres” (conhecimento empírico), que em conjunto, formam o seu patrimônio. A partir deste inventário patrimonial iniciado em 2008, o Ecomuseu da Amazônia organizou seu acervo considerando os eixos estruturantes do programa “Patrimônio e capacitação dos atores do desenvolvimento local”: cultura, cidadania, meio ambiente e turismo.

#### *Eixo cultura*

Com base no eixo cultura, seu acervo é formado por mestres e mestras de cultura popular,

com títulos obtidos a partir das manifestações culturais desenvolvidas. Além de local de manifestação de fé. Dentre os quais, destacam-se:

a) Mestra Zula ou Jorsonleide de Paula Paes (85 anos), cujo envolvimento com a cultura popular paraense inicia em 1947, quando brincou aos 12 anos no “Cordão do Pássaro Tem-Tem do Fama” (Ilha do Caratateua). Em 1984, aos 42 anos, fundou o cordão de pássaro denominado de “Grupo Junino Tem-Tem”, durante os festejos juninos na praça matriz de Icoaraci. No mesmo ano, criou a “Pastorinha Filhas do Oriente” e a “folia de Reis”. Em 1997, dona Zula e sua família mudaram-se de Icoaraci para o bairro do Itaiteua (Ilha de Caratateua). Em 2011, a mestra Zula guarneceu o “Grupo Junino Tem-Tem” e a “Pastorinha Filhas do Oriente”, após apresentar problemas de saúde relacionados à idade. Seus filhos e netos ficaram com a missão de dar continuidade aos ensaios e conduzir as apresentações culturais da folia de Reis.

b) Mestra Laurene da Costa Ataíde (63 anos), se dedica à manifestação cultural em torno do cordão de pássaro junino há 49 anos. Dos 14 aos 25 anos participou como princesa da encenação do “Cordão de Pássaro Beija-Flor de Icoaraci”, coordenado pela sua mãe Teonila Ataíde. Durante 12 anos, Laurene ajudou a sua mãe a escrever, encenar, ensaiar, produzir as indumentárias utilizadas nas apresentações do cordão de pássaro. Na ausência da sua mãe e fundadora, assumiu a missão de continuar e coordenar o “Cordão de Pássaro Beija-Flor de Icoaraci”, que passou a se chamar “Cordão de Pássaro Colibri do Outeiro” (sede em São João do Outeiro). Em 2007, recebeu o primeiro prêmio como mestra de cultura da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SID/MinC).

c) Mestre Apolo Monteiro Barros (75 anos), popularmente conhecido por mestre Apolo da Caratateua, nasceu em Recife e veio para Belém em 1989 a trabalho, residindo inicialmente no bairro da Pedreira, e posteriormente mudou-se para o Itaiteua na Ilha de Caratateua. Na ilha começou a produzir formas de expressão cultural, com o “Boi Misterioso de Itaiteua”, o bloco de carnaval “Parafuseta”, inspirado no carnaval de Olinda. Há cerca de vinte anos, começou a produzir cordéis após participar de oficinas literárias, levando a ser membro fundador

do “Movimento Literário Extremo Norte”, que lhe renderam a cadeira 4 da Academia de Cordel.

d) Mestre Oriovaldo Soares Meireles (78 anos), popularmente conhecido como mestre Tabaco, nasceu na localidade do Ariri no município de Colares (PA) e mudou-se com a sua esposa e filhos para Icoaraci em 1977, posteriormente para o bairro da Brasília na Ilha de Caratateua em 1989. Por muitos anos trabalhou como carpinteiro naval, pescador artesanal e na construção civil. Em Icoaraci se envolveu com o mundo da música, tocando em conjunto de seresta, posteriormente no grupo de carimbó “Uirapuru” do mestre Verequete e nos grupos parafolclóricos “Vaiangá” de Icoaraci e no “Tucuxi” da Ilha de Caratateua. Suas viagens pelo litoral paraense e pelos rios da Amazônia, em especial na Ilha do Marajó, serviram de inspiração para a criação da maioria das suas composições. Em 2010, ganhou o prêmio de Mestre de Cultura no Concurso Público Prêmio Culturas Populares - Mestre Humberto de Maracanã, dentro do Programa de Promoção das Culturas Populares, do Ministério da Cidadania (MDS).

e) O produtor cultural Fábio dos Santos Cardoso (44 anos), popularmente conhecido como “Fábio Tucuxi” ou “Fábio do Carimbó”, fundou há 20 anos, com a sua esposa Nelma Mata da Conceição, o “Grupo Parafolclórico Tucuxi” e, posteriormente, o “Grupo Regional Jurupari”, ambos no bairro da Brasília na Ilha de Caratateua. Desde a fundação (2000), Fábio Cardoso mantém os custos dos grupos a partir de apresentações culturais na capital e no interior do Estado. Bem como através da premiação de editais de fomento à cultura em nível municipal, estadual e federal. Estes recursos ajudam a manter as despesas do grupo (manutenção do figurino, instrumentos musicais e adereços). A produção artística é baseada em pesquisas, em que se destacam as danças do siriá de Cametá, o lundu do Marajó, a marujada de Bragança, o samba de cacete, banguê, taieiras, pretinha de Angola, vaqueiro do Marajó etc. O Grupo Tucuxi ainda tem o “Grupo Regional Jurupari” que possui várias composições inspiradas na Ilha de Caratateua e no imaginário amazônico. Em 2017, o Ecomuseu da Amazônia nomeou a casa do Fabio Cardoso, da mestra Zula, da mestra Laurene Ataíde, do mestre Apolo da Caratateua, do mestre Tabaco, e do Raimundo

Ferreira como Ponto de Memória, dentro da programação da Primavera de Museus.

f) A produtora cultural Iara Mônica Coutinho de Oliveira (50 anos), belenense e residente da Ilha de Caratateua há mais de 30 anos, é guardiã há 15 anos do “Cordão de Pássaro Pipira da Água Boa”. Uma encenação performática da cultural popular paraense, que se desenvolve em locais abertos, formando semicírculos, onde seus personagens ficam em cena durante toda a apresentação. Não há intervalos, o enredo mistura as danças e as músicas numa só encenação. Atualmente há cerca de 40 integrantes (entre 5 e 40 anos), que interpretam a história em torno do pássaro, como a princesa, o príncipe, o rei, a rainha, as damas, os cavalheiros, a fada (personagem da realeza), a índia branca, a feiticeira (personagens da floresta), o caçador e o matuto (personagens populares). O cordão recebe muitos convites para as apresentações culturais nas escolas, festas e celebrações religiosas, comunitárias e culturais.

g) “Casa de Mariana” é um terreiro de umbanda ou local de manifestação de fé localizado no bairro da Água Boa. A mãe de santo Sandra Coutinho de Oliveira (67 anos) conduz as cerimônias e rituais há mais de 30 anos, após receber o legado de sua mãe. Seu terreiro tem a orientação da Dona Mariana (princesa turca), sendo formado pela mistura dos ensinamentos contidos na umbanda, candomblé e tambor-de-mina. Segundo a mãe Sandra, seu terreiro é um dos primeiros no bairro, dentre os demais de cerca de cem terreiros que a ilha possui atualmente. A escolha da Ilha de Caratateua para a fundamentação de terreiros está ligada com a necessidade de haver um ambiente espiritual. A proximidade com a natureza e as águas dos rios e as praias fluviais contribuem para formar a tranquilidade que a espiritualidade necessita para prosperar.

### *Eixo cidadania*

Nesse acervo museal, destacam-se as ações voltadas a promoção da cidadania que objetivam o fortalecimento das organizações sociais, a valorização cidadã e patrimonial, bem como a união dos

interesses coletivos e individuais de forma harmoniosa:

a) Ecomuseu da Amazônia funciona como o capacitador e o mediador entre as comunidades e as entidades promotoras das programações socioambientais e econômicas (feiras, exposições, festivais, eventos técnicos científicos etc.), colaborando para o desenvolvimento e a diminuição da vulnerabilidade social, inclusão mercadológica e a valorização do seu acervo museal.

b) “Biblioteca Tralhoto Leitor” idealizada em 2010 pelo amapaense Jonas Banhos, criador do projeto “Biblioteca Itinerante Infantil Barca das Letras”, premiado pelo MinC e Lei Rouanet, que objetiva levar livros para crianças em comunidades ribeirinhas. Além do mais, o projeto visa contar histórias, distribuir livros para incentivar a leitura e montar bibliotecas. Jonas Banhos doou alguns livros para iniciar a montagem da biblioteca, que começou a ser organizada no barracão do Boi Misterioso. Somente no dia 03 de setembro de 2017 ocorreu a inauguração oficial da biblioteca, com a participação de Jonas Banhos e vários artistas paraenses. Atualmente a biblioteca faz parte da “Rede Amazônia Literária” e da “Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias” (RNBC). Assim, o mestre Apolo vai incentivando a leitura às crianças e jovens como um processo para aumentar a capacidade e ampliar as oportunidades, para que possam ter a liberdade a seu dispor de escolher a vida que desejam ter, exercendo a plenitude do seu potencial.

c) “Associação Folclórica e Cultural Colibri de Outeiro” da mestra Laurene Ataíde que após participar do primeiro edital de incentivo à cultura pelo Banco da Amazônia - BASA (Resgate aos Cordões de Pássaros (2005)), percebeu que precisava se organizar como instituição da sociedade civil sem fins lucrativos, de caráter cultural, para participar de editais e fomentar as suas produções artísticas e culturais. Em 2008, junto com os pais dos brincantes do “Cordão de Pássaro Colibri de Outeiro”, fundaram a “Associação Folclórica e Cultural Colibri de Outeiro”. No mesmo ano, fundaram o “Museu da Cultura dos Pássaros e Outros Bichos” visando fortalecer a cultura popular paraense dos cordões de pássaros e bichos. Em 2010, a Secretaria de Cultura do Estado do Pará (SECULT), por meio

de concurso público da edição estadual do Programa “Mais Cultura” do MinC, selecionou o “Ninho do Colibri do Outeiro” como ponto de cultura, em reconhecimento à produção artístico-cultural e de inclusão social para construção da cidadania. Assim a associação passou a realizar capacitação para a formação de profissionais no setor cultural e a identificação de novos talentos entre crianças, adolescentes e adultos, por meio de oficinas de qualificação.

c) “Espaço de Aprendizagem Iara Coutinho” e o “Ponto de Cultura Pipira da Água Boa” coordenado por Iara Mônica Coutinho de Oliveira oportuniza para as crianças, jovens e adultos do bairro projetos de relevância social, visando diminuir a vulnerabilidade infanto-juvenil em situação de risco. Dentre os projetos já realizados, destacam-se as oficinas de instrumentos musicais, percussão, canto, teatro, danças e confecção dos trajes utilizados nas apresentações do cordão de pássaro junino. A relevância do trabalho da Iara Oliveira ao conciliar as apresentações culturais com o trabalho social desenvolvido com a comunidade, permite que as crianças, jovens e adultos tenham mais uma oportunidade para desenvolver a sua capacidade individual, que oportunize um futuro melhor, dentro de uma sociedade que enfrenta problemas de evasão escolar, consumo de drogas, gravidez na adolescência, envolvimento com o crime e, morte prematura por violência.

### *Eixo meio ambiente*

Nesse eixo, destacam-se as atividades que desenvolvem práticas de preservação e recuperação dos elementos que compõem os aspectos ambientais (ambiente natural, ambiente artificial, ambiente de trabalho e cultural) da comunidade local e, ajudam no desenvolvimento social em consonância com a sustentabilidade ambiental e econômica:

a) “Balneário do Tabaco” localizado na propriedade particular do sr. Oriovaldo Soares Meireles, popularmente conhecido como mestre Tabaco, que desde 1989, através de uma ocupação espontânea no bairro da Brasília, mora no local e passou a desenvolver trabalhos relacionados a quintais produtivos e criação de peixe em tanques

artesanais construído no local. Posteriormente, aproveitando a nascente de água que há em sua propriedade, reuniu os seus filhos e construiu uma piscina natural, bem como uma infraestrutura de quiosques e bar para receber visitantes, dando início ao balneário do Tabaco. Atualmente, o balneário recebe visitantes do bairro de Icoaraci e de outros bairros da Região Metropolitana de Belém.

b) “Eco Sítio Vale Verde” localizado no bairro do Fama pertence a sra. Leonildes Soares da Silva (76 anos) desde 1990, quando a propriedade foi adquirida e transformada num sítio produtivo voltado para as diferentes culturas tradicionais alimentares, como plantio de mandioca para produção de farinha e derivados. Também cultiva várias árvores frutíferas, dentre as quais se destacam: castanha-do-Pará, sapucaia, cupuaçu, abricó, abacate, açaí, jaca, rambutan, uxi, manga, bacuri, graviola, limão. Além de espécies florestais madeireiras, medicinais e ornamentais. O sítio ainda tem criação de aves (galinhas, galos, frangos, patos, gansos) que são comercializadas por encomenda.

c) “Sítio da Natureza” é um quintal produtivo pertencente à comunitária, engenheira agrônoma e pedagoga Mary Fernandes da Silva (62 anos), que em 2005 adquiriu uma pequena propriedade familiar (15 metros de frente por 100 metros de fundo) no bairro do Fidélis. Neste bairro semiurbano, Mary Silva criou um antigo costume dos quintais da região amazônica, em que seus moradores introduzem várias espécies de vegetais, conforme a sua necessidade de uso alimentar, medicinal ou paisagística, transformando sua propriedade num quintal produtivo, por produzir alimentos em toda época do ano. A partir da orientação da Embrapa da Amazônia Oriental, Mary Silva passou a manejar em um meliponário no quintal as espécies de abelhas uruçu-cinzenta (*Melipona fasciculata*) e uruçu-amarela (*Melipona rufiventris*) em minicolônias, visando a produção sustentável de mel, a polinização da flora e a produção de frutos. Nesse ambiente, ainda há o espaço para a criação de galinhas caipiras e produção

de ovos. O conhecimento tradicional, somado à formação acadêmica, permitiu que a sra. Mary Silva transformasse sua propriedade num exemplar quintal produtivo, muito comum no século XX nas vivendas, chácaras, rocinhas, quintas e quintais nas áreas rurais de Belém.

### *Eixo turismo*

Esse eixo parte do princípio que a atividade turística seja capaz de gerar benefícios socioeconômicos além de poder conciliar com práticas de preservação do meio ambiente. Nesse contexto, o Ecomuseu da Amazônia optou, dentre a segmentação turística, pelo turismo cultural tendo como modelo gestão o Turismo de Base Comunitária (TBC), objetivando a formatação de produtos que reúnam atrativos turísticos (cultural e natural), práticas de cidadania, aliados à infraestrutura de apoio ao visitante. O produto turístico ofertado aos visitantes são os roteiros de memória, desenvolvidos conforme as seguintes etapas:

a) Elaboração dos roteiros a partir do inventário patrimonial da Ilha de Caratatea realizado pelo Ecomuseu da Amazônia desde 2008. Desse inventário foram selecionados nove pontos de atratividade (cultural, natural e de cidadania), para compor três roteiros de memória. Para viabilizar a execução dos roteiros associou-se com a infraestrutura de apoio (transporte, segurança, alimentação etc.), que permitiram a definição dos custos operacionais do roteiro e a margem de lucro sobre os serviços ofertados pela comunidade.

b) Qualificação profissional dos atores envolvidos na execução dos roteiros, sobre os aspectos temáticos referentes ao guiamento, segurança, boas práticas de higiene e manipulação de alimentos, qualidade no atendimento, apresentação patrimonial e atividades culturais etc. (Figuras 2 e 3).



**Figuras 2 e 3 - Oficina de qualificação para o roteiro de memória.**

Foto: Ecomuseu da Amazônia (2019).



**Figura 4 e 5 - Reunião técnica antes e após a execução dos roteiros.**

Foto: Ecomuseu da Amazônia (2019; 2020).

c) Reuniões técnicas participativas com os atores sociais envolvidos na execução dos roteiros para definição das apresentações de educação museal. Bem como para tratar dos custos operacionais (toda a renda obtida com os serviços prestados nos roteiros fica na comunidade com os responsáveis pela oferta), apresentação dos horários do itinerário (a duração total varia entre 5 a 6 horas, na qual cada parada do itinerário segue a divisão do tempo conforme as atividades existentes: a) Ponto que não oferecer nenhum serviço de alimentação: 40 minutos; b) Ponto que oferecer café ou suco: 50 minutos; c) Ponto que oferecer almoço: 60 minutos e, d) Tempo máximo de deslocamento entre os pontos do itinerário: 20 minutos), definição dos cardápios dos alimentos e bebidas, vendas de

artesanatos, definição da quantidade de pessoas (entre 10 até 25 pessoas) e demais serviços (Figura 4). Após a execução de cada roteiro, é realizada novamente uma reunião para avaliar o desempenho dos envolvidos na realização dos roteiros (Figura 5).

d) Educação museal através da execução dos roteiros de memória permitem que os visitantes recebam ações educativas referente ao acervo museal que compõem os atrativos dos roteiros. Os atores sociais envolvidos no processo de mediação da educação museal utilizam um conjunto de abordagens, metodologias e ferramentas para proporcionar ao visitante uma vivência do seu cotidiano e, oferecer experiências a partir da participação das atividades desenvolvidas durante a visitação.

## **Boas práticas em educação museal: Roteiro de memória do Ecomuseu da Amazônia na Ilha de Caratateua**

Desde 2009, o Ecomuseu da Amazônia vem trabalhando com a sua equipe técnica, parceiros e a comunidade local na construção e execução dos projetos que compõem o programa “Patrimônio e capacitação dos atores do desenvolvimento local”, objetivando a conservação e preservação do seu acervo museal em seu território de atuação (Icoaraci, Ilha de Caratateua, Ilha de Mosqueiro e Ilha de Cotijuba).

Os projetos são desenvolvidos de forma participativa, resultantes de ações interligadas (pesquisas, oficinas e cursos), objetivando a qualificação e a construção de estratégias de gerenciamento (técnico-científico) dos aspectos socioculturais e ambientais. Possibilitando que a comunidade gerencie seu patrimônio natural e cultural em benefício próprio (autogestão) e, com autonomia para a obtenção de trabalho e renda, melhoria na qualidade de vida e na divulgação da sua produção sociocultural.

Dentre os projetos, destacam-se os voltados a educação museal, como o “Roteiro de Memória da Ilha de Caratateua” criado em 2016, objetivando levar os alunos da FUNBOSQUE até os locais de memória coletiva e individual que compõem o patrimônio histórico e cultural da Ilha de Caratateua. Em 2017, durante a programação da “Primavera de Museus” esses locais foram reconhecidos pelo Ecomuseu da Amazônia como pontos de memória, em reconhecimento pelos trabalhos desenvolvidos em prol da preservação e conservação patrimonial da Ilha de Caratateua.

Em 2019, houve uma ampliação do projeto e passou a ser denominado de “Roteiros de memória do Ecomuseu da Amazônia na Ilha de Caratateua”, visando a continuidade da educação museal promovida pelos agentes socioculturais locais, que

em parceria com o Ecomuseu da Amazônia auxiliam na difusão do conhecimento patrimonial e a consciência preservacionista voltada para diferentes públicos.

Nessa nova versão do projeto foram inseridos para a visita nove pontos do acervo museal e a sede do Ecomuseu da Amazônia. Além da infraestrutura de apoio (pontos de encontro, transporte, segurança) e dos serviços de alimentação (café, sucos regionais, almoço) (Quadro 1).

Para fins didáticos no processo de educação museal, dividiu-se os elementos do acervo a partir dos eixos estruturantes do programa lançado em 2012: a) eixo cultura é considerado a base estruturante em virtude do patrimônio material e imaterial existente; b) eixo meio ambiente é formado pelo patrimônio natural, ambiente artificial e o ambiente de trabalho; c) eixo cidadania engloba as ações voltadas ao fortalecimento de práticas de inclusão cidadã e a diminuição da vulnerabilidade social, d) eixo turismo, por sua vez, reúne os elementos que compõem os eixos anteriores por meio de roteiros turísticos, conciliando uma prática econômica, com a educação museal possibilitando a valorização do patrimônio histórico, cultural e natural da Ilha de Caratateua.

Os roteiros de memória da Ilha de Caratateua baseiam-se nos princípios de gestão do TBC, na qual a comunidade decide o que vai ofertar e receber como pagamento pelos serviços prestados, que se configura como uma fonte de renda extra, que auxilia nas despesas domésticas das famílias envolvidas (Figuras 6, 7 e 8). Para esses atores sociais o pagamento, referente a visita e a educação museal promovida por eles, é uma forma de recompensa pela conservação e preservação do seu patrimônio material e imaterial da Ilha de Caratateua.

**Quadro 1 - Pontos de visitação do Roteiro de memória da Ilha de Caratateua, Belém, Pará, Brasil.**

<b>ATRATIVOS</b>	<b>RESPONSÁVEL</b>	<b>OFERTA/SERVIÇOS</b>
Boi Misterioso do Itaitéua Biblioteca Tralhoto Leitor e Cordel	Apolo Monteiro Barros	Apresentação cultural e prática cidadã
Cordão de Pássaro Colibri do Outeiro	Laurene da Costa Ataíde	Apresentação cultural/ Café da manhã
Cordão de Pássaro Pipira da Água Boa	Iara Mônica C. de Oliveira	Apresentação cultural/ Café da manhã
Folia de Reis	Jorsonleide de Paula Paes	Apresentação cultural/
Grupo Parafolclórico Tucuxi e Grupo Jurupari	Fábio dos Santos Cardoso	Apresentação cultural/ Café da manhã
Casa de Mariana	Raimunda Sandra C. Oliveira	Apresentação dos ritos religiosos/ Venda de banhos e essências
Eco Sítio Vale Verde	Leonildes da Silva Soares	Apresentação do sítio/ Almoço e venda de mudas
Sítio da Natureza	Mary Fernandes da Silva	Apresentação do sítio/ Venda de mudas, mel de abelha, adubo.
Balneário do Tabaco	Orioaldo Soares Meireles	Apresentação do balneário, música e dança/ Banho
Ecomuseu da Amazônia	Maria Terezinha R. Martins	Apresentação do espaço da casa de farinha, roça de tubérculos, galeria jirau.

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Na execução dos roteiros de memória os visitantes são conduzidos a partir da sede do Ecomuseu da Amazônia até as casas dos mestres e mestras de cultura, produtores culturais, locais de manifestação de fé, sítios e quintais produtivos, praias e balneários amazônicos. A ação educativa se inicia após o embarque no transporte (micro-ônibus ou van) pelo guia condutor da visitação, que explica sobre a formação histórica da ilha e demais aspectos importantes relacionados a expansão urbana.

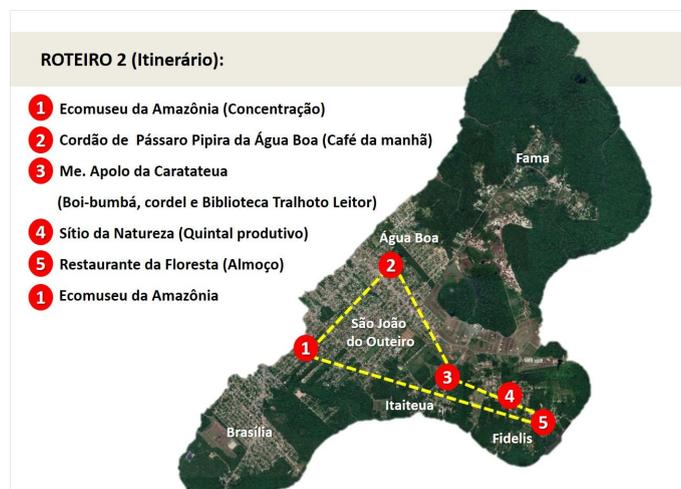
Em cada local de visitação, o detentor do saber e fazer referente ao patrimônio material e

imaterial assume a ação educativa através de diálogo com os visitantes (Figuras 9, 10, 11 e 12). Nesse contato direto com o patrimônio musealizado, o visitante tem a oportunidade de experimentar, refletir, obter conhecimentos específicos, que estimulem o sentimento de pertencimento e o senso de preservação e conservação da memória coletiva e individual, que compõem o patrimônio da Ilha de Caratateua



**Figura 6 - Itinerário do roteiro de memória 1.**

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Google Earth (2021).



**Figura 7 - Itinerário do roteiro de memória 2.**

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Google Earth (2021).



**Figura 8 - Itinerário do roteiro de memória 3.**

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Google Earth (2021).



**Figura 9 e 10 - Apresentação da Folia de Reis da Ma. Zula e Eco Sítio Vale Verde.**

Fonte: Adrielson Furtado (2019).



**Figura 11 e 12 - Apresentação do Boi Misterioso do Itaiteua e Biblioteca Tralhoto Leitor e Cordão de Pássaro Pipira da Água Boa.**

Fonte: Adrielson Furtado (2020) e Comus (2020).

O conjunto das práticas, valores, conceitos, saberes e fazeres envolvendo os aspectos socioculturais, ambientais e econômicos, que compõem a metodologia dos roteiros de memória na Ilha de Caratateua, tem como finalidade a educação para o desenvolvimento crítico e integral dos visitantes no campo dos museus e, do seu papel na sociedade.

## Conclusão

A memória patrimonial dos insulares de Caratateua resiste de forma coletiva ou individual às mudanças socioeconômicas e ambientais da ilha, por

meio de manifestações culturais, ações de cidadania e de preservação ambiental, buscando manter os elementos representativos do patrimônio natural e cultural que contribuem para manter a sua identidade.

O Ecomuseu da Amazônia busca fomentar boas práticas que envolvam seu acervo museal para a valorização e difusão de uma consciência preservacionista, buscando compreender os fatos históricos sobre a formação socioespacial do território, para entender o contexto em que se desenvolveram as comunidades e suas práticas socioculturais. Promover a visita guiada para conhecer este acervo é uma das boas práticas de

educação museal promovida pelo Ecomuseu da Amazônia.

Inserir a comunidade local numa atividade econômica por meio do turismo, que permita o contato com os visitantes, venda de alimentos e bebidas (não alcoólicas), artesanato e outros produtos é uma forma de contribuir para que estes fazedores de culturas, ações de cidadania e de práticas de preservação ambiental compreendam que seu trabalho pode ser consumido como um produto, dentro de um roteiro de visitação patrimonial.

Conclui-se que os roteiros de memória da Ilha de Caratateua atendem aos objetivos da Política Nacional de Educação Museal (PNEM) e da carta de princípios da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC) ao realizarem práticas educacionais em instituições museológicas, através de ações e processos em educação museal, que podem servir de inspiração a outras organizações e processos museais.

## Agradecimentos

Ao Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) pela aprovação do projeto referente a revitalização do prédio sede do Ecomuseu da Amazônia e do livro “Memória patrimonial da Ilha de Caratateua pelo Ecomuseu da Amazônia”. A Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC) pelo apoio institucional na divulgação roteiro a nível nacional e internacional. A Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira (FUNBOSQUE) pela infraestrutura de apoio para a realização dos roteiros. Aos técnicos Durval França da Costa, Marcos Antônio, Clelia de Cassia Rocha Lima (Ecomuseu da Amazônia), Carlos Alberto Mendes Pantoja (FUNBOSQUE), a Rosilene Queiros e Joecanne Reis (estagiárias do Ecomuseu da Amazônia). Aos parceiros Iracélia Cardoso Alves, Nilda Maria Paula Nunes, Maria das Graça Alves Santana, Gilma Izabel Rêgo D’Aquino, Lucia das Graças Santana da Silva e Maria das Graça da Silva. A todos os comunitários envolvidos no planejamento, execução e avaliação dos roteiros de memória da Ilha de Caratateua.

## Nota

1 As comunidades estão distribuídas em quatro microrregiões na área continental e insular do município de Belém (Pará): Distrito de Icoaraci (Paracuri, Cruzeiro); Ilha de Caratateua (bairros Brasília, São João do Outeiro, Água Boa, Itaiteua, Fidélis, Fama, Tucumaeira, Funbosque (Sede); Ilha de Cotijuba (comunidades da Faveira, Fazendinha, Poção e, Seringal) e, Ilha de Mosqueiro (comunidades do Caruaru, Castanhal do Mari-Mari e Assentamento Paulo Fonteles). Atualmente, algumas comunidades estão com projetos em andamento, enquanto em outras já foram concluídas.

## Referências

BARBOSA, Estêvão José da Silva; FERREIRA, Luzivan dos Santos Gonçalves; DALTRO, Cyntia Santos; FERREIRA, Denison da Silva; PINHEIRO, Pedro Wander dos Santos. De colônia agrícola a periferia de Belém: um ensaio de geografia histórica sobre a Ilha de Caratateua. *In*: SILVA, João Marcio Palheta da; SILVA, Christian Nunes da.; CHAGAS, Clay Anderson Nunes; BARBOSA, Estêvão José da Silva (Org.). **Percursos geográficos: pesquisa e extensão no Distrito de Outeiro, Belém - Pará (2008 - 2011)**. 1º ed. Belém: GAPTA, UFPA, 2012.

BELÉM. **Lei nº 7419, de 25 de agosto de 1988**. Delimita as áreas urbana e suburbana do distrito de Outeiro, neste Estado, e dá outras providências. Belém: Câmara municipal, 1988.

BELÉM. **Lei nº 7.682, de 05 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a Regionalização Administrativa do Município de Belém, delimitando os respectivos espaços territoriais dos Distritos Administrativos e dá outras providências. Belém: Câmara municipal, 1994.

BELÉM. **Lei 7.806 de 30 de julho de 1996**. Delimita as áreas que compõem os bairros de Belém e dá outras providências. Belém: Câmara municipal, 1996.

BITTENCOURT, Heliana Rodrigues. **Areião:** Lugar de Sociabilidade e Pertencimento na Ilha de Outeiro. Dissertação (Mestrado em comunicação, linguagem e cultura). 104 f. Universidade da Amazônia, Belém, 2013.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

CARVALHO, Marcos Antônio. O Pará e as bases de sua legislação imigratória nos finais do século XIX. *In:* SOUSA, Fernando; MARTINS, Ismênia; MENEZES, Lena Medeiros; MATOS, Maria Izilda; SARGES, Maria de Nazaré; SILVA, Susana Serpa. **Um passaporte para a terra prometida.** 1º Ed. Porto: Fronteira do Caos Editores Lda e CESEPE, 2011. p. 137-146.

CARVALHO, Marcos Antônio. A Hospedaria de Imigrantes do Outeiro em Belém do Pará: um mosaico em construção. *In:* SOUZA, Fernando de; MARTINS, Ismênia; MENEZES, Lená Medeiros de; MATOS, Izilda, ARRUDA, Jobson; SARGES, Nazaré; FERLINI, Vera. (Org.). **Portugal e as migrações da Europa do Sul para América do Sul.** 1º Ed. Porto: CESEPE, 2014, v.1, p. 198-217.

HUFFNER, João Gabriel Pinheiro; MARTINS, Maria Terezinha Resende; BASTOS, Márcia Sueli Castelo Branco. A possível atuação do Ecomuseu da Amazônia no desenvolvimento do turismo de base comunitária na Ilha de Cotijuba – PA. **Revista Tur., Visão e Ação**, v. 20, n. 2, p. 235-248, 2018

MARTINS, Maria Terezinha Resende. Ecomuseu da Amazônia: uma experiência ao serviço do desenvolvimento comunitário no município de Belém-PA. **Cadernos do CEOM**, n. 41, p. 315-328, 2014.

MARTINS, Maria Terezinha Resende; ADERNE, Laís Fontoura. **Projeto Ecomuseu da Amazônia.** Belém, Pará, 2007.

PINHEIRO, Wellington da Costa. **O Instituto Orfanológico do Outeiro:** assistência, proteção e educação de meninos órfãos e desvalidos em Belém do Pará (1903-1913). Tese (Doutorado Acadêmico em Educação) - Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

SILVA, Sergio Brazão. **Diagnóstico da região insular do município de Belém.** Belém: FUMPEA, 2007.